

O pensador operário

Sociólogo enxerga mais continuidade que transformação social e defende a Sociologia Pública

por FAOZE CHIBLI fotos PAULO BRASIL
tradução: FAOZE CHIBLI

“O sonho da minha vida era conseguir um emprego em uma fábrica de aço em um país socialista”, relatou o sociólogo Michael Burawoy a Jeff Byles – escritor e colaborador de importantes jornais norte-americanos – para matéria do noticiário alternativo *The Village Voice*, em 2001. E utilizou até recursos próprios para empreender esse exercício durante mais de 20 anos. Sua cidade natal, Manchester, já foi centro da industrialização e palco de grandes conflitos. O britânico de sotaque claro é professor em Berkeley desde 1976, mas não faz questão de desfrutar o clima californiano.

Trabalhou com motores no sul de Chicago, em fábrica húngara

de champanhe, em mina de cobre na Zâmbia e no coração simbólico da classe trabalhadora socialista: uma fundição na Hungria chamada *Lenin Steel Works* [algo como *Fundição Lênin*]. Visitou sistematicamente a Rússia para trabalhar em fábrica de borracha em Moscou, e em indústria de móveis no burgo de *Syktyvkar*, no Círculo Ártico. Seu intuito foi investigar o pós-colonialismo, a “organização de consenso ao capitalismo”, as formas de conscientização da classe trabalhadora.

Nunca deixou de ser acadêmico. O chão de fábrica não é esporte exótico. É tarefa árdua e ele não se considera um trabalhador industrial habilidoso. Como presidente da *American Sociological Association*, difundiu a Sociologia

pública pelo mundo, entre 2002 e 2005. Desde então ocupa outros cargos de destaque na entidade. Sua obra repercute também no Brasil. “A Sociologia pública está correndo o mundo da Sociologia e estimulando vários debates”, explica Ruy Braga, professor doutor do Departamento de Sociologia da USP. Mas a proposta não é consenso nem pretende ser. Críticas a taxam de “uma espécie de ideologia marxista disfarçada de ciência social”, como relata Braga no artigo *O pêndulo de Marx: Sociologias públicas e engajamento*. Entrevista a respeito foi concedida por Burawoy à **Sociologia Ciência & Vida** no prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, durante greves e ocupações.

“O interessante sobre Bourdieu é que ele não defendia a idéia de que a Sociologia e as Ciências Sociais deveriam ser compreensíveis para as pessoas”

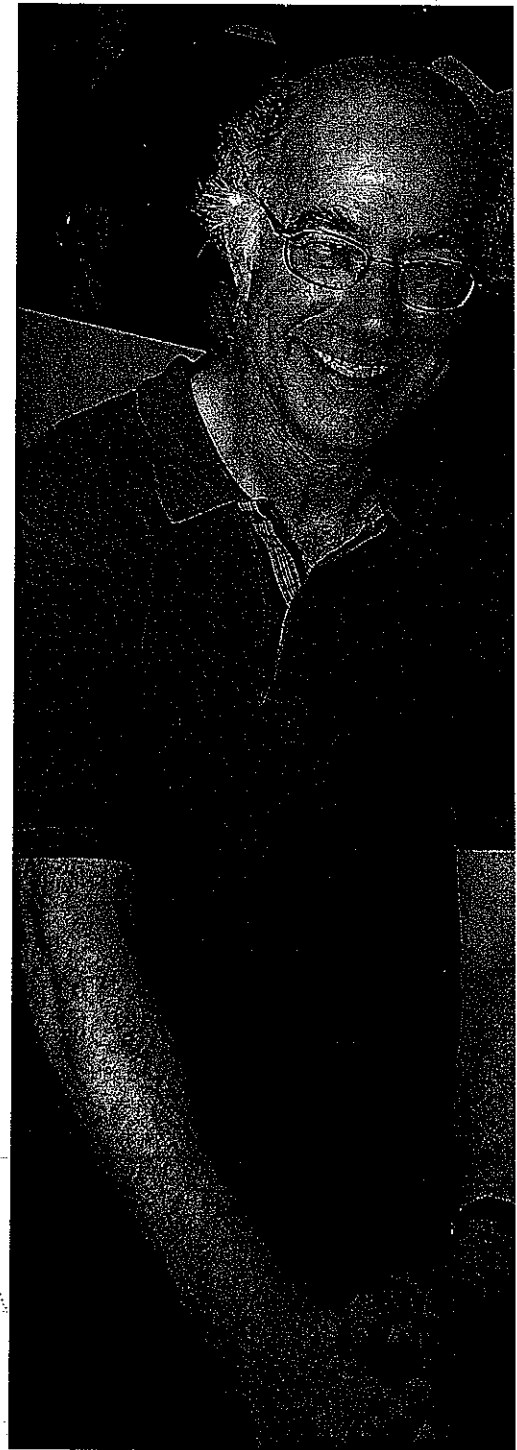
☛ *A frase exata que você disse há pouco [enquanto conversava com alguns professores e alunos da USP] foi: “Todo mundo que é alguém trabalhou com Bourdieu”?*

Burawoy - Esse foi precisamente meu comentário irônico.

☛ *Por que ele é tão especial para você?*

Burawoy - Ok, você quer falar sobre isso. Tudo bem [risos]. Bem, eu li Bourdieu no final dos anos 70, e não achei que era nada particularmente brilhante. Era interessante, sabe. E aí, nos EUA, mais pessoas estavam lendo, e ainda mais na Inglaterra. Eu estava trabalhando na Hungria, como etnógrafo em uma fábrica, e lia Bourdieu. Um livro chamado *A Minor Theory of Practice*. Achei muito ‘copiado’ [a palavra ‘derivative’ não tem tradução exata, mas significa ‘copiado de’, ou ‘não muito original’] da Escola de Antropologia de Manchester. De novo, eu falei ‘onde está a euforia aqui?’. E eu li seu livro *A Social Critique of the Judgment of Taste*, que é claro que se tornou muito famoso, e achei aquilo extremamente difícil de entender sozinho. Eu não estava bastante convencido de que havia algo novo. Ou era difícil de descobrir porque era difícil de ler. Voltei para Berkeley e nos anos 90 os estudantes ficaram interessados mais e mais por Bourdieu. Em parte, mas não somente, porque Loïc Wacquant [sociólogo francês], o “filho” de Bourdieu, veio para Berkeley e Bourdieu, então, veio visitar

Berkeley. Mas de maneira geral pelos EUA havia mais interesse, e os estudantes continuavam batendo em minha porta, exigindo que eu lesse Bourdieu com eles. Comecei a ler Bourdieu e fiquei muito mais interessado. Fiz o curso de Loïc Wacquant sobre Bourdieu, e aí eu realmente fui seduzido pela enormidade da escrita dele, a abrangência é extraordinária. Mesmo a linguagem se torna lentamente sedutora. Ele tem uma compreensão muito complexa do mundo. Eu me perguntava qual era a diferença entre Bourdieu e Gramsci. Eu não achava que Bourdieu tinha algo a dizer que Antonio Gramsci já não tivesse dito. Mas agora eu penso muito diferente; o conceito de violência simbólica em Bourdieu não é o mesmo que o conceito de hegemonia em Gramsci. Acho que são teorias bem diferentes. Bourdieu é o maior naquilo que eu chamo de sociólogo público [tradução livre para ‘public sociologist’] no século XX. Ele não é realmente um sociólogo. Mas ele de fato se tornou um sociólogo público na França; depois de se tornar um membro do *Collège de France*, ele se tornou um sociólogo público com as greves no meio dos anos 90 na França, quando começou a defender os interesses dos desempregados. Acho que o interessante sobre Bourdieu é que ele não tinha uma teoria sobre o que estava fazendo. Ele nem mesmo defendia a idéia de que a Sociologia ou as ciências deveriam ser compreensíveis



“O que os intelectuais fazem é trabalhar com o bom senso e elaborá-lo a um ponto de entendimento que realmente melhore a compreensão das pessoas sobre seu lugar no mundo”

para as pessoas. Basicamente precisam ter uma linguagem separada. Você precisa se descolar do senso comum e criar uma Sociologia fundamentalmente diferente. Ele passou muitas páginas atacando a idéia de intelectual orgânico, de Gramsci; dizia que os intelectuais deveriam se engajar com a classe trabalhadora e construir seu bom senso, sua conscientização. Ele pensava que o perigo era que os intelectuais passassem suas idéias para os trabalhadores, ou que os trabalhadores dragassem os intelectuais para dentro de seu falso senso comum. Ele era sempre contra o que ele de fato fez na França, no final dos 90. É por isso que Bourdieu é particularmente interessante para mim: grande sociólogo público. Mas ele certamente não tinha uma

teoria sobre Sociologia pública, sobre o que ele esteve fazendo nos últimos dez anos de sua vida.

☛ *Esse aspecto, de certa maneira, sintetiza o âmago dos seus pensamentos.*

Burawoy - É, eu suponho que sim. Sobre a importância da Sociologia pública, eu tenho uma perspectiva muito mais gramsciana. Gramsci tem a visão de que as pessoas tinham um senso comum, e que ele não era inteiramente um retrato acurado do mundo. Mas também haveria dentro do senso comum um bom senso que era realmente o entendimento verdadeiro do mundo. Então, basicamente, o que os intelectuais fazem é trabalhar com o bom senso e elaborá-lo a um ponto de entendimento que realmente

melhore a compreensão das pessoas sobre seu lugar no mundo. Bourdieu não acreditava que as pessoas tivessem bom senso. Elas tinham apenas um mau senso.

☛ *Você acredita que esse conhecimento que vem “de baixo” até instituições superiores é mais acurado do que o oposto?*

Burawoy - Bem, há uma semente de verdade, as pessoas têm uma essência de *insight* [visão] dentro do mundo. E os intelectuais trabalham com aquela semente, elaboram-na. Na minha visão, os intelectuais podem realmente entrar em um diálogo com os públicos. Cada um pode contribuir com algo para o outro. Enquanto a teoria de Bourdieu, digo a teoria, não a prática, mas sua

A DIMENSÃO GLOBAL

Depois do gabinete, da universidade e percorrer as mudanças de instituições em transformação foi um dos trabalhos do grupo de pesquisa liderado por Burawoy em *Global Anthropology — Forces, Connections and Imaginations in a Postmodern World*. Também em *Global — How a University Became a World* (University of California Press, 400 páginas) não vem de um ponto de vista. O livro resulta de vivências dos EUA no Brasil, de ida e volta. A obra traz uma visão crítica sobre estruturas de poder perpetuadas sem debate analítico

as novas e se delimitaram. Não pode ser considerado pessimista, mas oferece retrato muito diferente da cultura associada à globalização. É também reflexo de discussões intensas. Ela é também um livro que transmite tão poderosamente a sensação de excitação intelectual entre um grupo de bilibretos e outros graduados, esforçando-se para obter seus estudos de doutorado disparados dentro de um molde de trabalho em comum (tradução livre). observa Brian Elliott, professor do departamento de Antropologia e Sociologia da *University of British Columbia*, no Canadá.





teoria, era dizer basicamente que os públicos não tinham um bom senso. Em seu livro *Pascalian Meditation [Meditação Pascaliana]* ele escreve sobre falsa consciência. E é crítico da idéia marxista de falsa consciência. Ele tem um problema com falsa conscientização; definitivamente as pessoas têm uma falsa consciência. Para Bourdieu, os conceitos são simplesmente muito superficiais, as pessoas estão profundamente incrustadas, suas falsas idéias sobre o mundo não estariam somente em um nível mental, mas em um nível corporal. Então, a falsa consciência não expressava suficientemente forte a falsidade das idéias das pessoas sobre o mundo. Ele era crítico dos marxistas por estes pensarem que a classe trabalhadora pudesse chegar algum dia a qualquer entendimento do mundo. Seus "habitus" [conceito talhado por Bourdieu] eram tão profundos,

que isso os faria incapazes de compreender o mundo. Esse seria um privilégio dos intelectuais, particularmente na academia. E acho que ele privilegia os sociólogos entre todos os acadêmicos.

☉ *Sua apresentação em Berkeley diz que você ficou impedido de trabalhar em fábricas, e por isso tem estudado seu próprio local de trabalho, ou seja, a academia. Poderia falar sobre essa transição?*

Burawoy - Bem [pausa], eu passei a maior parte de minha vida sociológica trabalhando na indústria como um etnógrafo. Na Zâmbia era uma mina de cobre, nos EUA era uma fábrica, na Hungria eu trabalhei em uma fábrica de champagne, trabalhei na Rússia. Os empregos desapareceram. É uma série de eventos curiosa, porque todos os lugares aonde eu ia, havia um declínio dramático na sociedade. En-

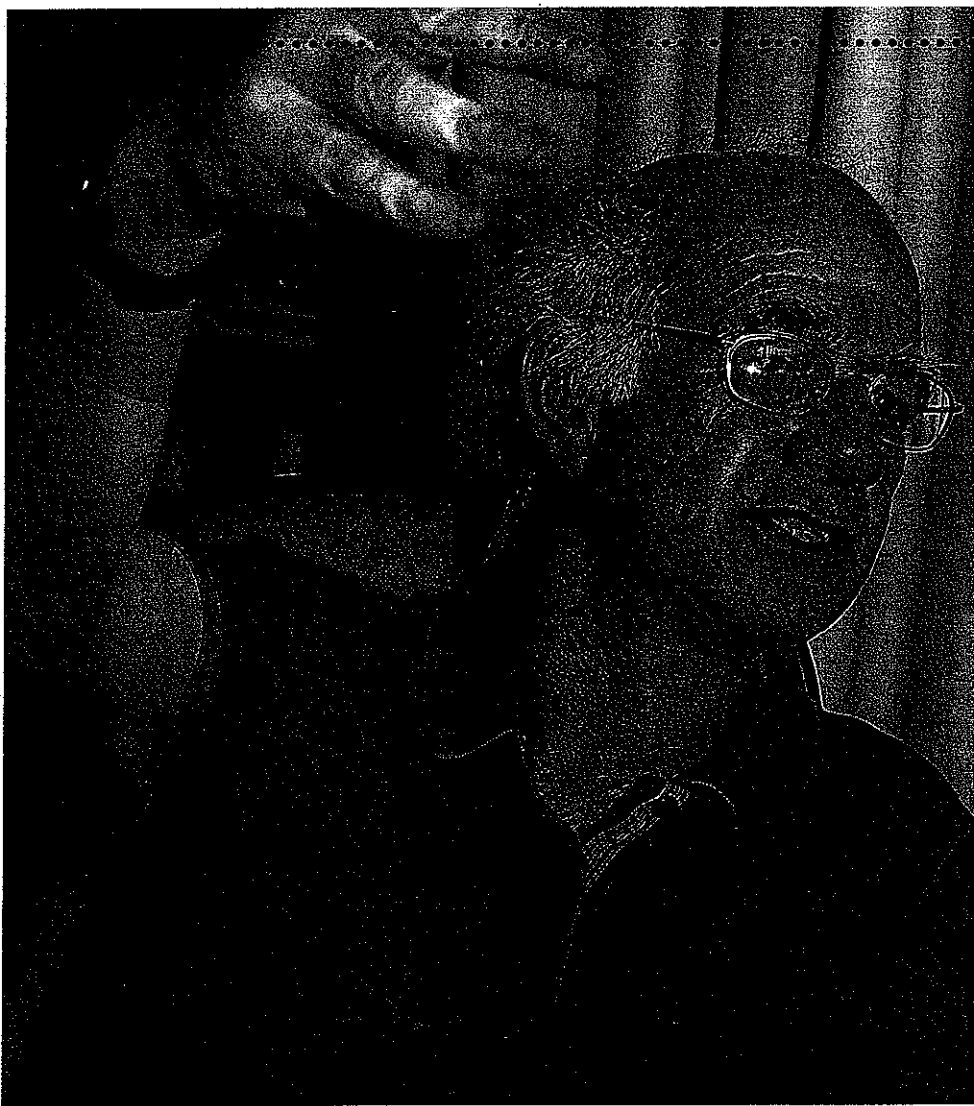
tão, eu deixei a Zâmbia em 1972; o programa de ajuste estrutural foi um desastre para a Zâmbia. Em Chicago, quando saí em 1974, todo o sul da cidade foi des-industrializado, se tornou uma devastação industrial. Depois eu fui à Hungria, em 1981, 1982, fiquei lá por oito anos e onde eu trabalhava toda a área industrial se tornou um desastre.

☉ *Imagino o que pode acontecer com o Brasil [ironicamente].*

Burawoy - Onde estive houve greves por toda parte. No Rio houve greves, na USP [ele pronuncia corretamente] tem havido greves, em Porto Alegre [também fala corretamente], bem, em Porto Alegre houve tempestades com trovões por três dias [risos]. Na Unicamp houve greves.

☉ *Você diria que tem um instinto para detectar convulsões sociais?*

Burawoy - Talvez. Quer dizer, a



maior parte do meu trabalho tem sido sobre transições. Mas a conclusão geral a que eu chego é uma bastante pessimista: que a aparente grande transformação acaba tendo mais continuidade do que descontinuidade. A história da Zâmbia foi uma transição do colonialismo para o pós-colonialismo. E o que eu vi foi uma reprodução da ordem social no período pós-colonial – algo que

as pessoas não esperam, além da transição do socialismo estatal para o capitalismo de mercado; muito do meu trabalho na Rússia era descrever a importância dos legados do passado. A maneira como aquele passado era reproduzido na ordem pós-socialista. Quando eu faço um balanço disso, não apenas os desastres me seguem, mas os anúncios que eu faço não são muito otimis-

tas. Mas meu “*habitus*”, para usar a palavra de Bourdieu, é muito otimista. Eu trabalhei em fábricas pela última vez em 1991 na Rússia, e acompanhei o declínio da economia russa por dez anos. Eu me cansei daquilo, era muito deprimente. O que aconteceu, na verdade, é que eu me envolvi em política. Me tornei presidente da *American Sociological Association* [Associação Americana de Sociologia], levei esse projeto da Sociologia pública a qualquer lugar aonde eu fosse, e esse foi o tema da minha presidência, foi sobre isso que falei para audiências em torno dos EUA. E agora estou falando há dois ou três anos em todas as partes do mundo. Eu me deparei com muita oposição, muito entusiasmo, dependendo de quem estivesse me ouvindo. Claro que eu sempre imaginei o Brasil. A África do Sul foi o país que inspirou a minha imaginação sobre o que a Sociologia pública poderia ser. Estive lá em 1990.

☉ *Foi então que a idéia se cristalizou?*
Burawoy - Sim, bem, cristalizou é muito forte. Suponho que o que aconteceu - não tinha estado na África do Sul por 23 anos - e eu não pude acreditar foi ver o quão engajada a Sociologia estava lá. Era o fim do regime do *apartheid* e os sociólogos estavam muito envolvidos com organizações civis e sindicatos. Era completamente oposto à Sociologia que eu havia experimentado nos EUA, que mostra, essencialmente, profissionais falando uns com os

“ A sociedade civil é um terreno muito complexo, pode ser facilmente absorvido pelo Estado, regulado por ele, e pode ser dominado pelo mercado ”

outros. Essa era a inspiração por trás da idéia. E eu sempre achei que haveria uma forte Sociologia pública. E havia, ninguém me convenceu do contrário. Não acho que seja tão forte quanto era nos anos 80, quando houve todo aquele esforço contra a ditadura por meio das organizações e movimentos de mulheres, trabalhadores, pobres, sem-terras. Os sociólogos foram ativos nesses movimentos ao contribuírem para a consciência de uma sociedade civil forte. Eu estava na África do Sul nos anos 80 e era muito diferente dos EUA. Muito diferente.

☉ *E isso soa como uma idéia atraente.*
Burawoy - Sim, definitivamente soa como uma idéia atraente. Penso que o destino da Sociologia se apóia no desenvolvimento de seu perfil público. As sociedades estão sob ataque hoje, *market tyranny and state taxicism* [tirania do mercado e taxaçoão estatal], o que eu chamo de *third wave marketization*, e acho que os sociólogos têm um papel importante em defender a sociedade dos mercados e dos estados.

☉ *Você afirma que hoje a sociedade civil é ainda o melhor campo para defender a humanidade?*

Burawoy - Sim, acho que a sociedade civil é um terreno muito complexo, pode ser facilmente absorvido pelo Estado, regulado por ele, e pode ser dominado pelo mercado. Há muitos problemas, muitas dominações, exclusões, mas ainda é o melhor ter-

reno possível para a defesa das idéias de sociedade enquanto comunidade, reconhecimento mútuo de pessoas. A Sociologia está olhando para o mundo do ponto de vista da sociedade, e se a sociedade desaparecer, então a Sociologia desaparecerá. E se a sociedade desaparecer estaremos em apuros, a humanidade estará em apuros. Muitos dos esforços de direitos humanos são em torno da defesa da sociedade contra o mercado e o Estado. E a Sociologia tem uma afiliação crescente com os direitos humanos. Direitos humanos é um conceito muito [ênfatiza] problemático. Tem sido abusado por muitas pessoas, mais particularmente os EUA, mas na defesa da sociedade, do interesse das pessoas pelo reconhecimento de sua humanidade recíproca; isso é importante de ser defendido, e os sociólogos deveriam estar lá.

☉ *Essa mudança de ponto de vista não é uma questão de opção, mas de sobrevivência.*

Burawoy - Sim, acho que por baixo da *third wave marketization* os sociólogos estão sob uma ameaça realmente severa. Vejo isso em diversas partes do mundo.

☉ *Você sente que em algum ponto perdeu o diálogo com as instituições norte-americanas?*

Burawoy - Não, na verdade as instituições norte-americanas estão crescentemente – ou algumas das instituições norte-americanas [risos]

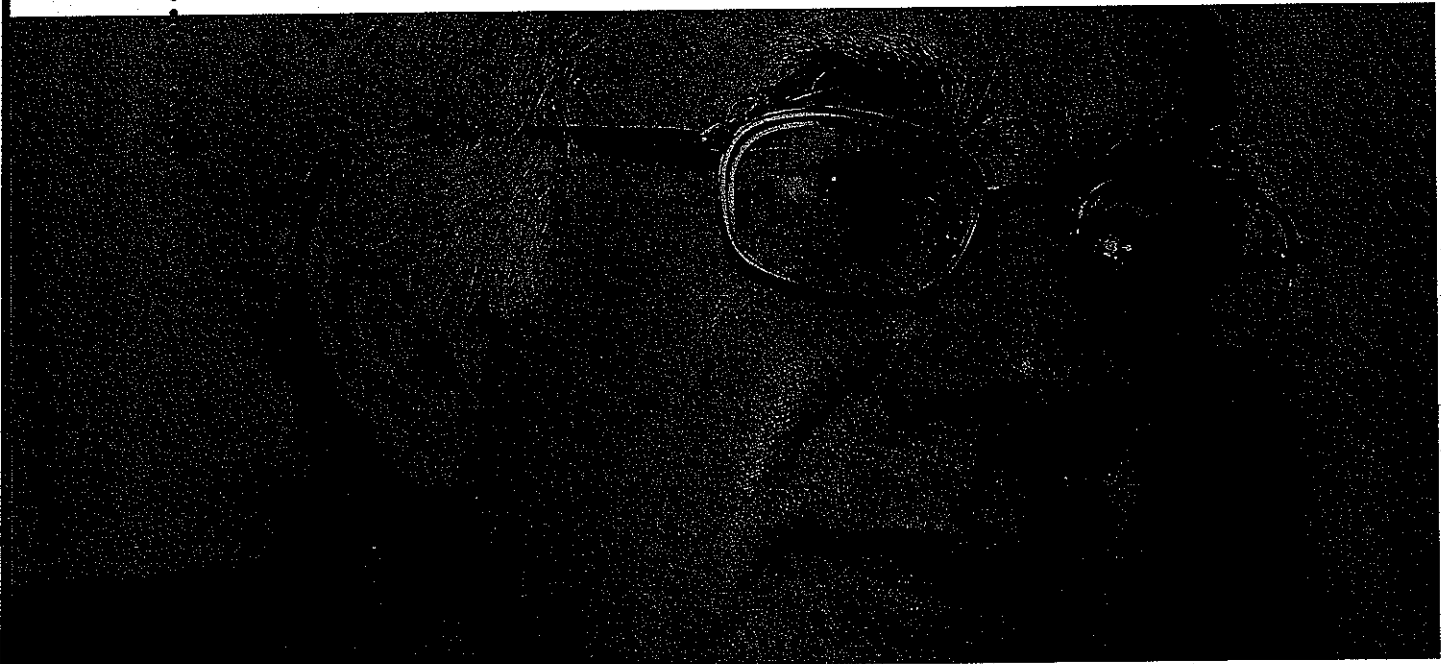
– reconhecendo o que eu estou reconhecendo. Há um entendimento da situação infortunada da Sociologia. Mas a academia nos EUA é muito insulada do mundo. É como uma bolha. E me parece que temos de romper essa bolha também. Mas dentro da bolha existe uma verdadeira preocupação sobre as direções da sociedade.

☉ *Mas quebrar essa bolha é outra história.*
Burawoy - Não é fácil. Fernando Henrique Cardoso ria dos sociólogos nos EUA, trocando teses uns com os outros, e dizia: “Veja toda essa crítica grandiosa que vocês têm dos EUA. Mas, sabe, não importa, porque nunca sai da bolha. As pessoas só espalham essas teses”. E quando se vai ao Brasil, “bem, sabe, no Brasil podemos falar a muitas pessoas, mas quando começamos a ser críticos, aí, sabe, realmente importa. O problema é que podemos acabar na prisão”. Isso foi em 1981, 1982.

☉ *Você diria que a divisão na academia não é restrita à Sociologia? Em todas as áreas há acadêmicos “ilhados em suas torres de marfim”, como o senhor coloca. E alguns estão mais dispostos a fazer contato direto.*

Burawoy - Sim, isso é, definitivamente, verdadeiro. Os economistas, eu não sei no Brasil, mas acho que os economistas estão bastante envolvidos no mundo da política, mas não estão muito – bem, poucos deles estão – no mundo público. Mas a

“O conceito crucial de Sociologia pública: é uma Sociologia dos públicos ou é uma Sociologia para os públicos?”



maioria deles é muito focada em seu trabalho dito científico. E eu acho que isso é importante. Mas não é a história toda. Em última instância, os economistas estão interessados em expandir o mercado. E as ciências políticas estão interessadas no controle estatal. E eles estão impulsionando a *third wave marketization* [terceira onda de mercantilização, em uma tradução livre], que acredito estar ameaçando o caráter da sociedade em que vivemos, o tecido de nossas relações sociais. Os sociólogos, portanto, estão em uma posição diferente. Acho que seus interesses todos se apóiam em defender a sociedade contra o mercado e o Estado. Portanto, em um certo sentido, estão em uma instância oposta aos economistas e cientistas sociais. Quero dizer, os sociólogos se jun-

tam, nessa aventura, aos antropólogos, geógrafos, e outras disciplinas. Não há uma ciência social única.

☉ *Você não quer que a visão sociológica seja tendenciosa de acordo com convicções políticas, marxismo?*

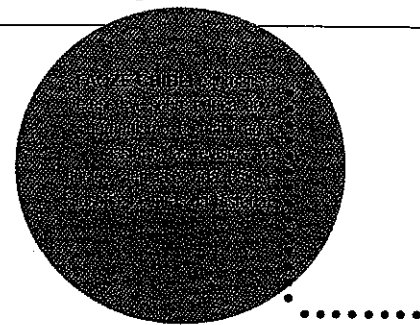
Não acho que se pode ter uma Sociologia sem valores. Então toda Sociologia tem valores. Mas o que eu digo, sim, é que uma Sociologia pública pode ter valores diferentes. Você pode ter Sociologia pública trotskista, você pode ter Sociologia pública evangélica, mas eu acho, sim, que de forma geral toda Sociologia é fundada sobre algumas funções de valores. Os sociólogos podem negar isso, mas eu acredito que por trás de toda Sociologia existe um conjunto de valores. Não se pode escapar disso. Esses valores na verdade

se tornam objeto de discussão entre os sociólogos e os públicos. Mas há múltiplas sociologias [frisa] públicas. Não há uma. Porque há muitos valores e vários públicos diferentes.

☉ *E quais seriam os seus valores nesse sentido? Exceto pelo marxismo, quero dizer.* Burawoy - Não há nada exceto o marxismo [irônico].

☉ *Algumas considerações que você faz soam quase filosóficas, não no sentido de serem superficiais, pelo contrário.*

Burawoy - Bem, eu acho que a maior parte dos sociólogos começa com valores; as pessoas devem ter uma existência material mínima para que possam sobreviver de maneira normal. Esse deveria ser o primeiro passo. Daí conter os níveis de iniquidade. Há projetos



muito práticos a respeito de aprofundar a democracia, aprofundar o senso de participação das pessoas. Acho que todos eles estão envolvidos em torno da constituição da idéia de uma sociedade ou uma comunidade em que as pessoas – e essa é a parte mais filosófica – reconhecem uns aos outros como seres humanos e então tratam uns aos outros como seres humanos. E isso se torna cada vez mais difícil na medida em que os mercados e Estados penetram na sociedade. Então, sim, há alguns princípios básicos sobre equidade e existência material, participação democrática e educação. Acho que eles se cristalizam na idéia de uma comunidade em que as pessoas reconhecem umas às outras. Esse é o objetivo, essa é a imaginação. Penso que Sociologia pública tem um papel de elaborar essa idéia e, na verdade, estimulá-la.

☉ *Há uma idéia no Brasil de que a Sociologia pode ajudar a sociedade a construir um projeto de nação. Qual é sua impressão sobre o que está acontecendo aqui?*

Burawoy - O que está acontecendo aqui? [reclama bem-humorado]. Não tenho idéia do que está acontecendo aqui, é muito confuso. Tenho mudado de hotel para hotel. Ter um projeto nacional em um mundo que é crescentemente transnacional, internacional, supernacional, pós-nacional... muito difícil. Acho que os sociólogos e os cientistas sociais deveriam, têm de e estão pensando muito mais em

uma dimensão transnacional. Isso é muito importante. E essa é uma outra parte de meu projeto, aumentar a conscientização global, particularmente dos sociólogos nos EUA, mas em outros lugares também.

☉ *Talvez no Brasil também?*

Burawoy - Sim. É interessante, levou algum tempo para que eu entendesse um pouco sobre a situação aqui, com o intuito de comunicar minhas idéias. E há sempre problemas de tradução em minhas idéias. Mesmo o conceito crucial de Sociologia pública: é uma Sociologia dos públicos, ou é uma Sociologia para os públicos? Se aprende muito ao tentar trazer uma nova idéia a um novo público, e é preciso repensar as próprias idéias.

☉ *E esses problemas de tradução, que você relata ter tido, poderiam acontecer em inglês também, não poderiam? O senhor já passou por isso como professor, ou como palestrante em países de língua inglesa?*

Burawoy - Ah, sim, o tempo todo, estava sempre tentando transmitir uma idéia, e as pessoas não entendiam e você pensa que elas entenderam; quando você ouve a resposta delas você pensa: 'ah, essa é uma maneira interessante de se pensar sobre as coisas'. Isso acontece particularmente quando usamos a palavra 'público', porque significa muitas coisas diferentes. Então é interessante como as pessoas respondem espontaneamente à idéia.

Aqui por exemplo, eu aprendi que – e eu acho que não é só para o Brasil, é para todo lugar – que públicos não estão interessados sempre em ter sociólogos em diálogo com eles. Eles pedem que um sociólogo de fato melhore imediatamente suas condições de existência. Eles querem que sejam na verdade cientistas políticos. Querem realmente capturar o sociólogo e ditar para ele o que eles querem ou precisam. Então o sociólogo tem de lutar para manter sua autonomia. Esse é um problema muito difícil.

☉ *Sim, porque talvez nesse esforço ele se torne de fato muito à parte do público...*

Burawoy - Sim, aí eles poderiam ter uma reação desproporcional. Poderiam. O que estou preocupado é em tentar ter esse diálogo no caso de eles serem capturados pelos públicos; esse era o perigo que Bourdieu apontava. Se fossem capturados pelos públicos eles também adquiririam a visão estreita do público, e perderiam um entendimento sociológico mais amplo do mundo. Então, eu me confrontei com essa questão muitas vezes aqui.

☉ *Essa é a tensão à qual você se referiu anteriormente.*

Burawoy - Sim, tensão entre sociólogos e públicos, tensão entre os diferentes tipos de sociólogos. É repleto de contradições e tensões, e antagonismos e interdependências. É uma situação complexa. ☉